



As profissões do futuro

“Educação é o que sobra depois de esquecer de tudo que nos foi ensinado.”

B. F. Skinner

Neste final de semestre, tive a oportunidade de falar com um grupo de pais que acompanhavam os filhos para fazer as provas do processo seletivo da ESPM em São Paulo.

Missão difícil: explicar de que forma um grupo de amigos que resolveram criar uma escola, nas dependências do Masp, em 1951, para ensinar a então nova profissão da propaganda aos jovens que não desejavam ser médicos, advogados ou engenheiros - como os seus pais transformou-se numa escola com a pretensão de preparar os jovens que se sentem atraídos por propaganda, marketing, administração, design, relações internacionais ou jornalismo para atuar profissionalmente num cenário futuro em que até essas atividades possam tornar-se antiquadas ou mesmo obsoletas...

Não pretendo ter a resposta a essa questão, que tanto nos preocupa a todos - pois até aqueles leitores que já se aposentaram, de verdade, continuam acompanhando as trajetórias dos netos e

netas, sobrinhos e filhos de amigos, na busca pelo que fazer, profissionalmente, e como ser decentemente remunerado, por isso, pela sociedade.

Algumas coisas que aprendi a partir de quando, em meio do caminho da minha vida, decidi mudar de profissão - de publicitário/marqueteiro para professor/gestor de escola talvez possam ajudar.

Por exemplo, que o fenômeno da educação não é linear, mas divide-se: de um lado há o ensino e, do outro, o aprendizado. E é o segundo que guia o primeiro; como no processo de comunicação, em que o receptor é que define tanto a forma como o suporte da mensagem do transmissor. E também que, se o processo de aprendizado requer a

disposição para aprender, também não dispensa a necessidade de desaprender. E que o resultado de tudo isso será a capacidade de escolher, ou seja, a primeira condição da liberdade; sempre se educa para o exercício da liberdade, pois, em si, educação é libertação.

Outra reflexão potencialmente apaziguadora de nossas ansiedades é tentar estabelecer as diferenças - sempre perceptíveis - entre o que é permanente e o que é passageiro; o que é estrutura e o que é conjuntura. Por mais explosiva e intimidante que nos pareça, a tecnologia é transiente, é aparência e

não essência: a estação espacial e o trem bala são tetranetos do jegue com seus samburás; o iPad e os chips, descendentes, em linha direta, das contes do ábaco, que se originaram de jóias e brinquedos pré-históricos. Tecnologia sempre é explicável na concretude.

Significado e sensações, contudo, não se explicam por equações, e elas, sim,

são inerentes ao ser humano - que permanece quase imutável através dos milênios. Assim, as ciências sociais e comportamentais. Saber pensar, conceituar, formatar os conteúdos e saber relacionar-se - são essas as habilidades eternas.

Ter consciência dessas coisas significa perceber, nas redes sociais, mais do que meros trinados, e saber que, diante de cada monitor, há um coração, que - de fora - só pode ser tocado por verdadeiras idéias, não por meros movimentos e ruídos.



DIVULGAÇÃO

J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO

DIRETOR-PRESIDENTE DA ESPM E JORNALISTA

jrwp@espm.br